



Estratégias de legitimação do relato memorialístico sobre a imprensa alternativa na ditadura militar: o depoimento de Ziraldo em *Resistir é Preciso*

Leopoldo PEDRO NETO¹

Marcos Paulo da SILVA²

Resumo:

O artigo apresenta reflexões sobre a proeminência e a legitimação dos relatos memorialísticos de profissionais da imprensa alternativa referentes ao período de resistência à ditadura militar brasileira (1964-1985). Como recorte empírico, volta-se o olhar ao depoimento que o cartunista Ziraldo Alves Pinto forneceu ao projeto *Resistir é Preciso*, iniciativa do Instituto Vladimir Herzog. Parte-se do princípio de que esses registros atuam como legitimadores da proeminência intelectual, política e material dos jornalistas no enfrentamento às instâncias autoritárias ao longo do século XX. Em sua construção metodológica, a pesquisa percorre dois eixos: 1) a contextualização do projeto *Resistir é Preciso*; e 2) o estudo de extratos do depoimento de Ziraldo para compreender como se articulam as estratégias de legitimação mobilizadas. Como resultados, infere-se a relevância do projeto *Resistir é Preciso* para a narrativa coletiva (BOSI, 2003) da resistência cultural à ditadura (NAPOLITANO, 2015), como também se entende que o relato do agente em questão operacionaliza um *ethos* (BOURDIEU, 2007) de resistência jornalística fundamentado por memórias do combate ao Estado autoritário realizado por *O Pasquim*.

Palavras-chave: imprensa alternativa; Ziraldo; *O Pasquim*; Ditadura Militar; *Resistir é Preciso*.

Memorialistic legitimation strategies about alternative press in the military dictatorship: Ziraldo's testimony in *Resistir é Preciso*

Abstract:

This article presents reflections about the prominence and legitimacy of the memorialistic reports of professionals from alternative press during the period of resistance to the Brazilian military dictatorship (1964-1985). As empirical frame, it is considered the testimony that cartoonist Ziraldo Alves Pinto provided to the *Resistir é Preciso* project, a Vladimir Herzog Institute initiative. It is assumed that such records function as legitimizers of journalists intellectual, political and material prominence in confronting authoritarian circumstances in the twentieth century. In its methodological construction, the research follows two axes: 1) the contextualization of the *Resistir é Preciso*; and 2) a study of extracts from Ziraldo's testimony to understand how the legitimation strategies are articulated. As a result, it can be highlighted the relevance of the *Resistir é Preciso* project for the collective narrative (BOSI, 2003) about cultural resistance to the dictatorship (NAPOLITANO, 2015), as well as one it can be considered that the agent's report operationalizes an *ethos* (BOURDIEU, 2007) of journalistic resistance based on *O Pasquim* memories in the resistance to the authoritarian state.

Keywords: alternative press; Ziraldo; *O Pasquim*; Military dictatorship; *Resistir é Preciso*.

¹ Doutorando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). *E-mail:* leopoldo.neto@posgrad.ufsc.br

² Professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) com estágio de doutorado-sanduíche (PDEE/CAPES) na Syracuse University (Estados Unidos) e estágio pós-doutoral (PDE/CNPq) na Michigan State University (Estados Unidos). Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ2) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *E-mail:* marcos.paulo@ufms.br





Estratégias de legitimación del relato memorialista de la prensa alternativa em la ditadura militar: el testimonio de Ziraldo en *Resistir é Preciso*

Resumen:

El artículo presenta reflexiones sobre la prominencia y legitimidad de los registros memorialistas de profesionales de la prensa alternativa referidos al período de resistencia a la dictadura militar brasileña (1964-1985). Como extracto empírico, se analizará el testimonio que el dibujante Ziraldo Alves Pinto registró para el proyecto *Resistir é Preciso*, una iniciativa del Instituto Vladimir Herzog. Se supone que estos registros funcionan como legitimadores del protagonismo intelectual, político y material de los periodistas al enfrentarse a circunstancias autoritarias a lo largo del siglo XX. En su construcción metodológica, la investigación sigue dos ejes: 1) el análisis de lo contexto de *Resistir é Preciso*; y 2) el estudio de extractos del testimonio de Ziraldo para comprender cómo se articulan las estrategias de legitimación. Como resultado, se infiere la relevancia del proyecto *Resistir é Preciso* para la narrativa colectiva (BOSI, 2003) de resistencia cultural a la dictadura (NAPOLITANO, 2015), así como se entiende que el testimonio del agente en cuestión operacionaliza un ethos (BOURDIEU, 2007) de resistencia periodística basado en memorias de resistencia al Estado autoritario llevadas a cabo por *O Pasquim*.

Palabras clave: prensa alternativa; Ziraldo; *O Pasquim*; Dictadura Militar; *Resistir é Preciso*.

Para situar o debate

Nos 21 anos de ditadura militar no Brasil (1964-1985), pode-se afirmar que intelectuais, artistas, escritores e jornalistas se uniram em torno de um *ethos* – no sentido bourdieusiano do termo (BOURDIEU, 2007) – de enfrentamento ao regime de exceção, apoiando-se em valores oriundos das diversas matizes do pensamento de esquerda do período como forma de crítica à legitimidade simbólica do projeto de poder instaurado pelos militares com apoio da burguesia nacional (NAPOLITANO, 2015; 2018). Com o cenário de desgaste do regime no horizonte da década de 1980 e o posterior processo de redemocratização, constata-se um aumento nas pesquisas preocupadas em abordar as contestações intelectuais, profissionais e artísticas ocorridas no período autoritário. Nesse contexto, entre o começo do decênio de 1990 e a década de 2010, um conjunto de trabalhos acadêmicos e memorialísticos passa a se debruçar sobre a história dos jornalistas proeminentes no século XX, com efeitos na compreensão da complexidade por trás das estratégias de mobilização da resistência cultural (MORAES, 2020).

Resultante dessa efervescente discussão acadêmica, por sua vez consequência de décadas de estudos históricos sobre a imprensa brasileira, este artigo – ancorado em uma pesquisa mais ampla – tem por objetivo tecer algumas reflexões sobre a proeminência e a





legitimação do registro memorialístico jornalístico sobre o período ditatorial, com a peculiaridade de observar o fenômeno sob o prisma da sociologia das práticas bourdieusiana³. O material empírico analisado no estudo remete ao depoimento do cartunista Ziraldo Alves Pinto, fornecido ao projeto *Resistir é Preciso*⁴, iniciativa memorialística do Instituto Vladimir Herzog. A escolha de Ziraldo não ocorre de modo aleatório e deve-se ao fato de o agente⁵ ser um dos protagonistas do jornal *O Pasquim*, uma das principais experiências da imprensa alternativa à época da ditadura militar⁶ ao lado de periódicos como *Opinião* e *Movimento*. Na década de 1970, *O Pasquim* chegou à tiragem de 225 mil cópias em seu auge de vendas (KUCINSKI, 2018). Embora as memórias de Ziraldo sobre a ditadura militar (e, em especial, sobre a atuação de seu grupo junto ao periódico satírico) tenham sido objeto de reflexões no escopo da academia brasileira (KUCINSKI, 2018; NAPOLITANO, 2015; MORAES, 2020; MACIEL, 1996; BRAGA, 1991), visa-se neste estudo preencher a lacuna de sistematização das estratégias de legitimação do relato memorialístico sob o prisma da sociologia bourdieusiana.

Como forma de materializar as reflexões pretendidas, este trabalho se ampara nas seguintes questões: 1) em que medida o projeto *Resistir é Preciso*, no qual se insere o depoimento do agente analisado, constitui-se simbolicamente e materialmente uma plataforma legitimada de informações – uma espécie de biblioteca com registros e arquivos – sobre a memória de jornalistas que resistiram à ditadura? 2) Quais são as principais percepções de Ziraldo sobre o período em que atuou em *O Pasquim* mobilizadas no depoimento ao projeto? e 3) Quais aspectos do depoimento demarcam e disputam as memórias do período sob o vértice das estratégias de legitimação possibilitadas pelo arcabouço teórico bourdieusiano?

3 A discussão teórico-empírica e temática deste artigo surge com o processo de elaboração de uma dissertação de mestrado que estudou a construção de um *ethos* de resistência dos jornalistas que atuaram na imprensa alternativa no período da ditadura militar brasileira. Ver: Pedro Neto (2020).

4 *Resistir é Preciso* constitui um projeto com a proposta de registrar memórias da resistência cultural e política contra a ditadura militar brasileira. Em sua totalidade, divide-se em cinco subprojetos, sendo a internet sua principal plataforma de divulgação. No *site* <https://resistirepreciso.org.br/> estão organizadas as informações primordiais. No endereço, consta uma aba com cinco seções. Intitulada “Protagonistas Desta História”, a seção inicial possui depoimentos e uma pequena biografia de 60 jornalistas, intelectuais e militantes políticos que atuaram no campo jornalístico no combate à ditadura-militar. Os depoimentos em questão estão presentes de forma sucinta no *site*, mas os relatos na íntegra foram disponibilizados pelo Instituto Vladimir Herzog para realização desta pesquisa.

⁵ A concepção de “agente” parte da proposta teórico-metodológica de Pierre Bourdieu (2015) segundo a qual os indivíduos são mediados por estruturas sociais, mas possuem autonomia relativa em relação a seus determinantes. Nesse sentido, o termo não se confunde com a aceção recebida no contexto militar.

⁶ Compartilha-se da visão do historiador Carlos Fico (2014) de que, destarte o golpe de Estado tenha sido uma articulação civil-militar, a ditadura que se seguiu nos 21 anos posteriores foi comandada somente pelos militares. Por conseguinte, ao se referir ao golpe de Estado ocorrido em 1964, será utilizada a expressão “golpe civil-militar”. Em relação à ditadura anteriormente instaurada, apenas “ditadura militar”.





Complementarmente, o estudo se ancora em três pressupostos: 1) O projeto *Resistir é Preciso* contribui para o debate sobre a imprensa alternativa e a resistência cultural, pautando-se na narrativa coletiva (BOSI, 2003) das esquerdas, que encara o período ditatorial sob a ótica da resistência em contraposição ao autoritarismo vigente (NAPOLITANO, 2015); 2) Ziraldo se posiciona como um agente legitimado no campo jornalístico devido ao seu capital simbólico (BOURDIEU, 2007), sendo *O Pasquim* a sua instância primordial de consagração; e 3) Como estratégia de legitimação, o depoimento do cartunista se utiliza de memórias que o posicionam como um dos profissionais atuantes no plano da contestação cultural à ditadura militar brasileira (NAPOLITANO, 2015; MORAES, 2020; BRAGA, 1991). Tal estratégia, por seu turno, constitui um dos componentes do *ethos* de resistência jornalística compartilhado entre os diversos agentes da imprensa alternativa. De acordo com Moraes (2020, p. 86),

A elite jornalística que se consolidou entre o período ditatorial e os anos de redemocratização se constituiu por meio de estratégias de legitimação e simbolização que podem ser deduzidas dos registros biográficos e memorialísticos de seus membros.

Em um vértice metodológico, o artigo articula-se no seguinte percurso: 1) uma contextualização do projeto *Resistir é Preciso*, com o intuito de evidenciar aspectos importantes da iniciativa do Instituto Vladimir Herzog como instância de reconhecimento de jornalistas proeminentes na época da ditadura; e 2) um estudo dos principais trechos do depoimento de Ziraldo, como forma de compreensão das estratégias simbólicas de legitimação imbricadas na construção de um *ethos* jornalístico de resistência. Do ponto de vista analítico, busca-se contextualizar e cotejar o depoimento com elementos históricos condicionantes de sua trajetória, evitando-se um mergulho na lógica denominada por Bourdieu (2006, p.183) como a armadilha da “ilusão biográfica”.

No escopo dos estudos em memória social, Bosi (2003) reitera que as narrativas coletivas de um grupo, intrínsecas a um mito ou a uma ideologia, são constituídas e se constituem pelos diferentes testemunhos de um acontecimento com a intenção de explicitá-lo e de legitimá-lo em uma disputa por relações de poder⁷. Em tal lógica, uma classe compartilha certos elementos responsáveis por unificá-la e, por conseguinte, por fornecer sentido de identificação. Na perspectiva da autora, “há portanto uma memória coletiva produzida no

⁷ Poder, nesse sentido, interpretado a partir de uma leitura bourdieusiana como uma disputa simbólica por conhecimento e reconhecimento em lutas sociais (BOURDIEU, 2009).





interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe” (BOSI, 2003. p. 18).

Muito embora se trate de estudiosos oriundos de diferentes correntes teóricas, o pensamento de Bosi (2003), no âmbito das reflexões sobre os mecanismos que balizam as memórias e as visões de mundo coletivas, encontra respaldo na concepção de *ethos* edificada por Bourdieu (2007) no escopo de sua teoria da prática. Para o sociólogo francês, o *ethos* constitui uma dimensão do *habitus* responsável por orientar os agentes em suas disposições, valores, representações de si mesmos, de sua classe e do mundo social. Assim, Bourdieu (2007, p. 104) define o *ethos*:

Toda a visão do mundo econômico e social, toda a relação com o outro e com o próprio corpo, enfim, tudo o que faz o estilo próprio do grupo, afirma-se em cada uma das suas práticas, quer seja a mais natural em aparência, a menos controlada pela consciência, pela razão ou até pela moral.

Na perspectiva bourdieusiana, os agentes componentes de uma classe, quando no interior de um processo de lutas simbólicas que objetivam as representações legítimas da realidade social, utilizam-se de estratégias complexas com intuito de respaldar determinados posicionamentos compartilhados. Argumenta o autor:

Pode-se sugerir que, à medida que as sociedades se tornam mais diferenciadas e se desenvolvem nelas esses “mundos” relativamente autônomos que chamo de campo, as possibilidades de que surjam verdadeiros acontecimentos, isto é, encontros de séries causais independentes, ligados a esferas de necessidades diferentes, não param de crescer e, desse modo, a liberdade deixada a estratégias complexas do *habitus*, integrando necessidades de ordens diferentes. (BOURDIEU, 2015, p. 95).

É a partir desse *locus* de enunciação teórica, portanto, que o artigo sedimenta seu potencial analítico: compreende-se que as memórias de enfrentamento à ditadura militar contribuem para fomentar um *ethos* jornalístico de resistência, no qual os agentes consagrados do campo se fundamentam, a partir de estratégias de legitimação para comprovar suas disputas simbólicas e materiais durante o período de exceção que marcou a sociedade brasileira na segunda metade do século XX.

O Instituto Vladimir Herzog e o projeto *Resistir é Preciso*

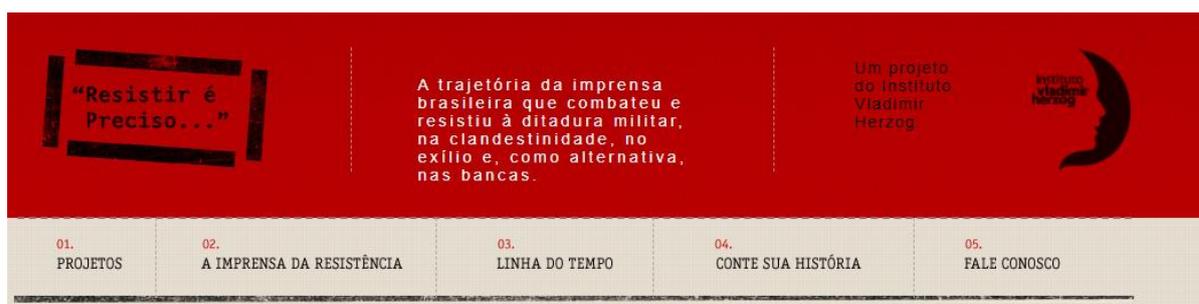
O relato de Zivaldo Alves Pinto integra o escopo de 60 depoimentos registrados por



uma iniciativa – o projeto *Resistir é Preciso* – que se estabelece sob o crivo de uma instância justificadora de sua relevância: o Instituto Vladimir Herzog, uma das mais atuantes organizações na luta pela memória e pela história do autoritarismo vivenciado na ditadura militar brasileira. Com a proposta de preservar a representação de luta sistematizada pelo emblema de Vladimir Herzog – jornalista assassinado em 1975 durante sua detenção nas instalações do DOI-CODI, em São Paulo – a instituição sem fins lucrativos, classificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) pelo Ministério da Justiça, busca discutir os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais no âmbito nacional com base nas consequências que as mais de duas décadas de regime de exceção resultaram para o Brasil. Criado em junho de 2009 por um grupo de colegas e pela família do jornalista, o Instituto trabalha ancorado em valores como democracia, direitos humanos e liberdade de expressão (O INSTITUTO, 2022). Com uma equipe com mais de 60 membros, presidida por Clarice Herzog – socióloga e ex-esposa de Vladimir –, a entidade realiza uma série de projetos no plano político-cultural com objetivo de manter em discussão ideais democráticos com ações nas áreas de educação, editoração, premiação de profissionais jornalistas e outros produtos culturais.

Resistir é Preciso se insere no panorama mais amplo do instituto e de sua legitimidade em relação à discussão sobre a ditadura militar. O projeto se propõe a realizar registros de memórias da resistência cultural e política da imprensa alternativa contra o regime autoritário. Em sua totalidade, a iniciativa se divide em quatro subprojetos complementares – dois livros, uma exposição e um teledocumentário homônimo, exibido pela *TV Brasil*⁸ –, sendo a internet sua principal plataforma de divulgação. No *site* estão organizadas as principais informações sobre a iniciativa (Figura 1).

Figura 1 – *Layout* do *site* do projeto *Resistir é Preciso*



Fonte: *site* do Projeto (RESISTIR É PRECISO, 2011a).

⁸ É a partir dos depoimentos do documentário que se realiza a análise empírica deste trabalho.

O site do projeto *Resistir é Preciso* disponibiliza uma aba com cinco seções (Figura 1) que constituem o panorama de suas frentes, sendo elas: 1) Projetos; 2) A imprensa da resistência; 3) Linha do tempo; 4) Conte sua história; e 5) Fale conosco. A segunda seção – A imprensa da resistência – apresenta um breve contexto da atividade da imprensa alternativa no período autoritário. O texto enfatiza a oposição de intelectuais, jornalistas e ativistas políticos ao golpe de Estado e à ditadura que o deu seguimento:

Entre 1964 e 1979, o ano em que as forças democráticas conquistaram a anistia, centenas de publicações produzidas à margem dos aparatos institucionais de comunicação deram voz à resistência política e cultural no Brasil. Disputaram palmo a palmo o campo simbólico em que os donos do poder tentavam legitimar a dominação pela força. Enfrentaram a truculência da censura e da perseguição policial. E conseguiram se impor graças à capacidade de inovar não apenas a agenda temática, mas a própria linguagem e os códigos formais com que se expressava o debate público no país. (RESISTIR É PRECISO, 2011b).

A utilização de recursos retóricos inscritos em uma cenografia (MAINGUENEAU, 2013) calcada na resistência – a exemplo das expressões “disputa no campo simbólico com os donos do poder”, “enfrentamento da truculência da censura e da perseguição policial”, “capacidade de inovar a linguagem e os códigos formais” (RESISTIR É PRECISO, 2011b) – demonstra que a construção simbólica mobilizada pelo Instituto Vladimir Herzog para classificar os diversos agentes de contestação à ditadura militar corrobora a legitimação de um *ethos* de resistência fundamentado pelas memórias do período.

Para Bosi (2003, p. 19-20), a memória individual é sempre permeada pela memória pública, pois quando um acontecimento político influencia certo grupo social, “a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento”. Embora a autora se refira ao modo como as instituições oficiais tendem a ditar as “regras do jogo” – para valer-se de uma analogia bourdieusiana –, o pressuposto também pode ser interpretado sob a ótica da resistência: em *Resistir é Preciso* nota-se como as memórias públicas, compartilhadas entre as frações de classe que se opuseram à ditadura militar, influenciaram as percepções singulares dos agentes entrevistados – o que se materializa no relato de Zivaldo analisado neste artigo.

A edificação histórica dessa memória pública de resistência é evidenciada por Napolitano (2018). O autor afirma que nos 21 anos de ditadura o mundo intelectual nacional se uniu por um único objetivo: criar um espaço de oposição ao regime de exceção. Como



reitera o autor, “criou-se uma relação quase automática entre ser intelectual socialmente reconhecido como tal e ser de oposição” (NAPOLITANO, 2018, p. 205). Nesse ínterim, uma parte importante dos intelectuais brasileiros, em grande frequência apoiada por valores e tradições de esquerda, definiu um *ethos* de oposição ao regime. Compreende-se, nessa lógica, que os jornalistas cujos depoimentos foram registrados pelo projeto *Resistir é Preciso* são dotados de capital simbólico peculiar por representarem agentes sociais reconhecidos pela tenacidade na resistência ao projeto ditatorial.

Finalmente, do ponto de vista do contexto do projeto *Resistir é Preciso*, outro elemento importante de identificação constitui sua própria temporalidade. A iniciativa do Instituto Vladimir Herzog foi realizada entre 2009 e 2010, recorte marcado pelo segundo mandato do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, período no qual havia mais abertura no espaço público institucional para o debate sobre as consequências da ditadura militar, uma vez que o próprio presidente notabilizou-se como um dos líderes das greves operárias ocorridas no fim do regime, entre 1978 e 1980, e possuía em sua base parlamentar e em sua equipe ministerial diversos personagens com trajetória de resistência ao período de exceção, a exemplo de Dilma Rousseff, que viria a sucedê-lo na presidência da República em 2011. Todavia, com a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, presidente que demonstrou ao longo de toda sua vida política entusiasmo com a ditadura em diversas declarações, a relevância de ações como *Resistir é Preciso* se reafirma e adquire novos sentidos como instância de legitimação do papel da resistência cultural das esquerdas no período ditatorial (NAPOLITANO, 2015).

Zirald e *O Pasquim* em *Resistir é Preciso*: humor e combate

Mineiro de Caratinga, nascido em 1932, Ziraldo Alves Pinto, mais conhecido apenas por Ziraldo, destacou-se no cenário cultural brasileiro como jornalista, cartunista, chargista, pintor, escritor e dramaturgo. Foi na imprensa alternativa, porém, que, ao lado de colegas como Jaguar, Tarso de Castro e Sérgio Cabral, protagonizou uma das principais – e mais bem-sucedidas – experiências alternativas de resistência cultural ao regime militar brasileiro: o jornal *O Pasquim*. No depoimento de 38 minutos e 15 segundos registrado em 2010 pelo projeto *Resistir é Preciso*, Ziraldo discorre sobre memórias do período de atuação no veículo de características satíricas entre 1969 e 1988 e mobiliza estratégias – no sentido bourdieusiano do termo – que legitimam sua atividade jornalística no enfrentamento ao regime militar.



Figura 1 – Ziraldo durante depoimento ao projeto *Resistir é Preciso*

Fonte: Instituto Vladimir Herzog.

Com proposta editorial calcada na ironia e no deboche, *O Pasquim* não se enquadrava nos jornais com vertentes políticas – na acepção de uma influência direta do pensamento de esquerda dominante de cunho marxista – e buscava suas inspirações, seus modos de fazer e de pensar o jornalismo, em outros movimentos político-culturais que exerceram influência no século passado (KUCISNKI, 2018). De tal modo, o periódico evidenciava suas tendências anárquicas ao procurar democratizar as relações entre seus membros e em seu empenho pela liberdade comportamental. As influências do jornal eram oriundas dos movimentos de contracultura surgidos nos Estados Unidos e em vários países da Europa entre as décadas de 1950 e 1960, como também no existencialismo de verve francesa do filósofo Jean-Paul Sartre. Nesse cenário, o foco do veículo recaía na crítica aos costumes convencionais, ao moralismo da classe média e na utilização do humor como forma de deslegitimação do regime autoritário em voga (BRAGA, 1991; MACIEL, 1996; KUCINSKI, 2018).

Em relação a seu período histórico, *O Pasquim* constituiu uma experiência longínqua no panorama da imprensa alternativa. Seu primeiro número foi publicado em junho de 1969 e percorreu uma extensa trajetória até o fim da década 1980, mais especificamente em 1988. Pode-se afirmar, contudo, que o seu apogeu ocorreu na década de 1970, período em que atingiu tiragens de até 225 mil exemplares (KUCISNKI, 2018).

O caráter profícuo da experiência de *O Pasquim* é desvelado no próprio fato de



Ziraldo (2010)⁹ questionar o interesse do projeto do Instituto Vladimir Herzog em registrar seu depoimento, uma vez que, em sua visão, os debates sobre o jornal já estariam esgotados:

Eu tô falando, eu não sei porque vocês ainda querem falar sobre *O Pasquim*. A sensação de que já tá esgotado *O Pasquim*. O Jaguar se preserva um pouco [...]. Ele e o Millor é muito difícil [...]. Então sobra pra mim, sobra pro Sérgio Cabral, então a gente contou mil vezes a nossa versão.

Ao construir seu argumento, o cartunista mobiliza aspectos de um capital social – instância de destaque, por sua vez, no mercado das trocas simbólicas (BOURDIEU, 2009) – que dependem do reconhecimento de outros agentes do campo. Quando Ziraldo reafirma que a rede de contatos legitimada para falar sobre *O Pasquim* – composta por Jaguar, Millor Fernandes e Sérgio Cabral, além dele próprio – é muito solicitada para discorrer sobre o periódico satírico – tópico que, paradoxalmente, de acordo com o jornalista, está esgotado – sublinha-se a circunstância de que o veículo é notabilizado até o período contemporâneo como um jornal de referência para a imprensa alternativa. Tal estratégia remete à mobilização de capital social – e, por consequência, de capital simbólico – que sobreleva o jornal como instância de legitimação de seus participantes. A localização do periódico em posição de destaque na história da imprensa no país complementa a estratégia memorialística. Para Ziraldo (2010)¹⁰, “*O Pasquim* foi de todos os jornais dessa tendência, o que durou mais, o que teve mais importância, o que mudou um pouco a história da imprensa brasileira”.

Durante o depoimento concedido mais de quatro décadas após o surgimento de *O Pasquim*, o agente relata que, no início de sua experiência, suas preocupações fugiam do escopo político e que passou a trabalhar com charges políticas somente após o golpe e o acirramento da ditadura, com o AI-5, momento no qual, conforme suas palavras, “todos viraram políticos”. O jovem Ziraldo, antes de sua experiência na criação de *O Pasquim*, procurou aglutinar novos humoristas no “Cartoon JS”, seção disponibilizada pelo *Jornal dos Sports*. Em um panorama de imprensa cerceada, o jornalismo considerado mais “sério”, do ponto de vista de preocupação sociopolítica, ocupava menos espaço em um campo constantemente regulamentado pela classe dominante. Com o acirramento do regime, na vigência do AI-5, limitaram-se os locais nos quais chargistas conseguiam publicar seus trabalhos, o que evidenciou a necessidade de criação de um veículo de imprensa para agregar

⁹ ZIRALDO [Ziraldo Alves Pinto]. Depoimento concedido a Ricardo Carvalho. 38min15s. Projeto Resistir é Preciso. Instituto Vladimir Herzog, São Paulo, 2010.

Para este artigo, os minutos dos trechos decupados serão inseridos nas notas de rodapé entre colchetes: [0:36-01:04].

¹⁰ [1:37-01:56].





diversos humoristas e chargistas brasileiros com inquietações no âmbito político. Ziraldo (2010)¹¹ rememora:

Nós éramos – Millôr, Jaguar, Fortuna, Claudius e eu –, nós éramos os meninos do Millôr. A gente era quatro cartunistas cujo desenho tinha uma qualidade internacional, quer dizer, os cinco podiam desenhar na França, na Inglaterra, porque a gente tava preocupado com a qualidade do desenho, a gente era desenhista de humor. Primeiro livro que saiu com nosso trabalho era assim: “Dez desenhistas de humor”, a gente não se chamava de caricaturista [...]. Eu não fazia charge política, eu era cartunista só, preocupado com a qualidade do desenho e tal, mas eles foram botando a gente contra a parede, contra a parede, contra a parede e nós viramos todos políticos, né? E aí *O Pasquim*, com humor, enfrentou toda a ditadura esse tempo todo, com prisões, com bomba jogada na redação.

No final da década de 1960, após as mortes de Sérgio Porto e de Alberto Eça, dois jornalistas responsáveis por escrever em um pequeno veículo chamado *Carapuça*, um representante da Distribuidora Imprensa procurou Tarso de Castro – que seria o futuro editor-chefe na primeira fase de *O Pasquim* – com o argumento de que gostaria de refazer o jornal. Em contraproposta, Castro alegou que tinha interesse de investir em outra experiência editorial. Daí, nasceu *O Pasquim*. A Shell, petrolífera anglo-holandesa, e a Distribuidora Imprensa decidiram bancar o periódico inicialmente. Em seu depoimento, Ziraldo (2010)¹² recorda a iniciativa a partir da demonstração de sucesso atingida pelo jornal: “Aí arrebentou a boca do balão, a gente esperava que vendesse [áudio indecifrável] íamos tirar dez mil exemplares, vendemos 100 mil exemplares”.

Os momentos de repressão sofridos pelos jornalistas do periódico relatados pelo cartunista remetem às memórias do humor como experiência de questionamento ao *ethos* autoritário representado pelos militares, o que sublinha os desdobramentos do processo de resistência no período. Um exemplo da complexa relação entre os aparatos de repressão política e os agentes de *O Pasquim* remete à circunstância na qual os membros da redação do veículo foram presos e passaram meses na cadeia. Ziraldo (2010)¹³ relata que foi aprisionado por três vezes, com destaque para o ano de 1972, quando os profissionais integrantes de *O Pasquim* foram encarcerados¹⁴:

11 [3:30- 4:55].

12 [9:56- 10:01].

13 [19:40- 20:03].

14 Um relato interessante sobre a prisão dos membros d’*O Pasquim* pode ser conferido sob a ótica de Luiz Carlos Maciel, conhecido como “guru da contracultura”, devido à sua coluna “Underground” n’*O Pasquim*. Conferir: Maciel (1996).



Eles me deram mais de noventa dias porque são várias prisões, né? Dois natais. Um carnaval. Sempre faziam sacanagem de pegar a gente no Natal¹⁵. [...] No AI-5 eu passei a noite inteira escondendo gente [...]. Escondendo gente aqui, ali. Eu achava que eu não tinha nada. Quando foi de manhã no domingo, eu tô em casa, o porteiro diz: “Ziraldo, tem um pessoal de Niterói aqui, universitários, e eles querem convidar você pra paraninfo”. Falei: “domingo, pô?”. É, mas eles querem subir. Falei: “Manda subir então”. E aí, eu tinha um estúdio no terraço, que a entrada era longa pra poder chegar, entendeu? E aí eu falei com o meu irmão: “abre a porta lá”. Quando meu irmão abriu a porta fez [barulho de coturno]. Falei: “que universitários são esses?”¹⁶ [...] Eu tava desenhando, de manhã, de cueca [...]. Aí a minha mulher deu um esporro neles: “ô seus idiotas, pra que apontar a arma pra eles? Olha, esse é um idiota, isso nunca pegou num revólver na vida. Para de apontar a arma. Que que cês querem?”

Os integrantes de *O Pasquim* foram presos em conjunto, pois os militares acreditavam que os jornalistas eram membros do comunismo internacional (KUCINSKI, 2018), destarte a própria natureza do jornal, devotado à sátira, também provocasse o *ethos* autoritário da censura. Cerca de 40 anos depois, Ziraldo conota serenidade ao relatar os momentos passados no cárcere, por mais que tenha experienciado uma série de constrangimentos. Para lidar com a lembrança autoritária da prisão, o agente recorre a uma anedota dirigida ao sargento que encabeçava sua detenção, em pleno AI-5:

Eu entrei no fusca e fui pro Forte de Copacabana com eles [...]. Aí eu falei pro meu irmão: pega uma pomada aí que eu tô com... eu fico nervoso e fico com o r*bo coçando, preciso da pomada. Aí, o meu irmão foi correndo [...] com a pomada e jogou pra mim a pomada. Mas o idiota do meu irmão comprou uma vaselina. Aí eu falei: “Sargento, meu irmão é precavido, já que cês vão botar em mim, tá aqui a vaselina” (ZIRALDO, 2010).

Ao retomar suas memórias, Ziraldo (2010) afirma que “se divertia bastante”, apesar da prisão, e que, em certa ocasião, os integrantes de *O Pasquim* chegaram a fazer amizade com o militar responsável pelo comando: “A gente ficava preso lá na cela, cheia de mosquito [...]. Conversava, batia papo, jogava dama, escrevia diário, desenhava. Não, a gente se divertia muito [risada]¹⁷ [...]. O coronel era ótimo, o coronel ficou amigo da gente pra burro [...]”¹⁸.

A análise do depoimento concedido por Ziraldo ao projeto *Resistir é Preciso*, cotejado com os registros da experiência de *O Pasquim* na história da imprensa alternativa brasileira, permite a identificação dos elementos de um *ethos* de resistência manifestado na estratégia de engendrar seu enfrentamento no período por intermédio do humor como lógica de

15 [18:27- 18:35].

16 [18:46- 19:39].

17 [23:39- 23:53].

18 [25:46- 25:49].

deslegitimação simbólica do regime. Quando evoca uma espécie de “missão de ser” dos cartunistas e destaca que, historicamente, a função do ofício é “passar o riso em volta do tirano”, Ziraldo (2010) rememora os princípios responsáveis por orientar suas práticas e representações – em suma, a estratégia da utilização do humor, mediado pelos cartuns, como forma de questionamento do autoritarismo da ordem vigente. Recorda o cartunista em seu depoimento:

Eu não sei o que seria da minha vida se não tivesse atravessado esses anos de fundo sem participar da resistência, entendeu? Porque uma grande quantidade de jornalistas tem uma certa tristeza de não ter tido coragem. Tem uma certa, assim... uma certa implicância com a gente, porque, de qualquer maneira, pra todos os efeitos, a gente foi para os externos corajosos, a gente botou o da gente na seringa. A gente foi lá e disse: “não concordo com essa merda!”. A gente foi! Agora, não tem heroísmo nenhum nisso, isso é da natureza da pessoa... Todos os cartunistas do mundo, desde a invenção da imprensa, desde os franceses, os ingleses e tudo mais, sempre passaram o riso em volta do tirano. Quer dizer, a gente tinha mais ou menos isso [...] era um sentimento que... a gente não podia ficar fazendo cartum¹⁹. [...] A gente tinha essa consciência de que a gente tava vivendo um momento histórico e a gente tinha que repetir o pessoal do [Honoré] Daumier, os ingleses lá. [...] Mas é isso, a gente entrou porque era inexorável, a gente não tinha como não participar (ZIRALDO, 2010)²⁰.

O extrato em questão sublinha um aspecto central do *ethos* de resistência de jornalistas brasileiros atuantes no período da ditadura militar, qual seja: a disposição (tendência) contestatória rememorada com apreço em experiências memorialísticas, com destaque para o caso do projeto *Resistir é Preciso*, iniciativa do Instituto Vladimir Herzog. No caso específico de Ziraldo Alves Pinto, sobre o qual este artigo se debruça, percepções materializadas em expressões como “a gente não tinha como deixar de participar” e “não sei o que seria da minha vida se não tivesse participado” conotam a divisão existente no campo jornalístico entre os agentes que atuaram no enfrentamento às arbitrariedades do regime em detrimento daqueles que, por razões diversas, limitaram-se ao trabalho convencional na imprensa tradicional²¹. Nesse contexto, apreende-se da análise, no âmbito da proeminência e da legitimação dos relatos memorialísticos de jornalistas, a existência de uma espécie de

19 [34:51- 35:58].

20 [36:49- 37:18].

21 Faz-se importante frisar que vários jornalistas com atuação no período da ditadura militar em veículos convencionais, isto é, na chamada grande imprensa, tiveram papel paralelo de destaque na imprensa alternativa e/ou empenharam-se na resistência nas brechas das engrenagens jornalísticas tradicionais ou ainda dedicaram-se à militância política externa ao mundo profissional do jornalismo. Ver, entre outras referências: Faro (1999); Albuquerque, Roxo (2007).



hierarquia relacionada ao capital simbólico mobilizado pelos agentes do campo sob o reconhecimento do valor da resistência.

Considerações finais

Na trilha das considerações possíveis, os três pressupostos de fundo apresentados mostram-se viáveis quando intermediados pela análise empírica: 1) *Resistir é Preciso* contribui para o debate sobre a imprensa alternativa e à resistência jornalística e se pauta em uma narrativa coletiva (BOSI, 2003) dominante das esquerdas, que encaram o período ditatorial sob a ótica da resistência em contraposição ao autoritarismo; 2) quatro décadas depois, Ziraldo se posiciona como um agente legitimado no campo jornalístico devido ao seu capital simbólico (BOURDIEU, 2007), sendo *O Pasquim* a sua instância primordial de consagração; e 3) como estratégia de legitimação do *ethos* jornalístico de enfrentamento, o depoimento do agente se utiliza de memórias que o posicionam como um dos profissionais que atuaram no plano da resistência cultural (NAPOLITANO, 2015; MORAES, 2020).

Nesse horizonte, mostra-se também pertinente a retomada das perguntas de pesquisa sobre as quais se assentam as reflexões: 1) Em que medida o projeto *Resistir é Preciso*, no qual se insere o depoimento de Ziraldo, constitui-se como plataforma de informações – uma espécie de biblioteca com registros e arquivos – sobre a memória de jornalistas resistentes à ditadura?; 2) Quais as percepções de Ziraldo sobre o período em que atuou em *O Pasquim*?; e 3) Quais aspectos do depoimento demarcam e legitimam as memórias do período? Infere-se, inicialmente, que o projeto *Resistir é Preciso* medeia uma narrativa coletiva (BOSI, 2003) da resistência cultural à ditadura (NAPOLITANO, 2015), responsável por fundamentar o *ethos* desse campo (BOURDIEU, 2007). Em um momento histórico no qual o país tem vivenciado ataques ao estado democrático de direito – vide o recente projeto de governo devotado a deslegitimar a resistência ao regime de exceção entre as décadas de 1960 e 1980 materializado na própria figura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e em suas constantes declarações sobre o tema – a iniciativa do Instituto Vladimir Herzog se reveste de importância como instância de legitimação da visão de mundo calcada no enfrentamento por parte das esquerdas e dos movimento progressistas e contraculturais no período ditatorial.

Segundo Bosi (2003), as memórias sociais, constituídas a partir de interações entre agentes realizadas no decorrer da vida cotidiana, são responsáveis por criar um sentido de identidade a partir de valores e lembranças compartilhadas. Esse senso de pertencimento





comum, notabilizado no depoimento de Ziraldo, pode ser destacado entre os diferentes matizes da esquerda que mantém memórias dos embates culturais que visaram a deslegitimar o projeto de poder ditatorial-militar (NAPOLITANO, 2015). No campo jornalístico, alguns agentes dotados de capital simbólico e social, devido ao reconhecimento de suas lutas, valem-se dessas memórias para tornarem-se legitimados por instâncias como o projeto *Resistir é Preciso*.

Em tal cenário, o cartunista Ziraldo representa a ideia de que *O Pasquim* foi um periódico consagrado, responsável por inovações no jornalismo brasileiro e por um sucesso comercial frequentemente não característico desse modelo de imprensa (KUCISNKI, 2018). Como estratégias para respaldar sua visão de mundo, o agente se ampara nas memórias do teor cômico sobre o cárcere e na contraposição do humor ao *ethos* autoritário representado pelos militares. Ademais, o cartunista ressalta o protagonismo do jornalismo no combate ao regime e demarca uma distinção entre os jornalistas que incorporaram um *ethos* de resistência – estes, validados e consagrados pela narrativa coletiva (BOSI, 2003) presente nos relatos memorialísticos – e aqueles que não se envolveram diretamente no enfrentamento ao regime.

Referências

ALBUQUERQUE, Afonso de; ROXO, Marco Antonio. Preparados, leais e disciplinados: os jornalistas comunistas e a adaptação do modelo de jornalismo americano no Brasil. *E-Compós*, v. 9, 26 jun. 2007. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/172>. Acesso em: 01 mar 2021.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Futuro de classe e causalidade do provável. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 81-126.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**: mais para epa que pra oba. Brasília: Editora da UNB, 1991.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade**, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: Ulbra/AGE, 1999.





FICO, Carlos. **O Golpe de 1964**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: no tempo da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 2018.

MACIEL, Luiz Carlos. **Geração em transe**: memórias do tempo do Tropicalismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. amp. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAES, Vaniucha. Monumentos do jornalismo brasileiro: um estudo sobre as condições de produção de biografias e memórias dos profissionais da imprensa (1970-2010). **Plural - Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 86-119, ago./set., 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/168828>. Acesso em: 01 mar 2021.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

NAPOLITANO, Marcos. A “resistência cultural” durante o regime militar brasileiro: um novo olhar historiográfico. *In*: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **Ditaduras militares**: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai (org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 193-211.

O INSTITUTO. **Instituto Vladimir Herzog**: São Paulo, [2022]. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/sobre-o-instituto/>. Acesso em: 4 mar. 2020.

PEDRO NETO, Leopoldo. **Construção do ethos jornalístico de resistência na imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira**: estudo dos depoimentos do projeto Resistir é Preciso. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020. Disponível em: <https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/8321>. Acesso em: 01 mar. 2021.

RESISTIR É PRECISO. **Conheça mais sobre o projeto ‘Resistir é preciso’**. 2011a. Disponível em: <https://resistirepreciso.org.br/>. Acesso em: 4 mar. 2020.

RESISTIR É PRECISO. **A imprensa da resistência**. 2011b. Disponível em: <https://resistirepreciso.org.br/a-imprensa-da-resistencia/>. Acesso em: 4 mar. 2020.

ZIRALDO [Ziraldo Alves Pinto]. Depoimento concedido a Ricardo Carvalho. 38min15s. Projeto Resistir é Preciso. Instituto Vladimir Herzog, São Paulo, 2010.

Submetido em: 14.06.2021

Aprovado em: 25.02.2023

